

# PANOPTISMO COMO DISPOSITIVO DE CONTROLE SOCIAL E EXERCÍCIO DE PODER

**Eixo temático:** Filosofia, Política e Educação

**Categoria:** Comunicação

Gabriela Eyng Possolli (PUCPR)\*

## Resumo

Este artigo pretende refletir sobre o panoptismo enquanto princípio utilizado como um dispositivo de visibilidade e controle social, um instrumento de exercício de poder, na constituição de uma sociedade disciplinar. Para tanto se baseia no pensamento de Michel Foucault, principalmente nas obras: *Vigiar e Punir* e *Microfísica do Poder*. Abordando conceitos como: *poder*, *panóptico*, *saber*, *verdade*, *controle*, *disciplina* e *tecnologia*. O panoptismo é um dos traços característicos da atual sociedade capitalista, através da qual os indivíduos são vigiados, punidos, recompensados e normatizados. O efeito mais importante do panóptico é provocar nos indivíduos um estado consciente e constante de visibilidade que garante a manutenção automática do sistema de poder. Por esse motivo ao elaborar o modelo do panóptico Bentham deu a orientação de que o poder deveria ser *visível* e *inverificável*. O indivíduo na contemporaneidade pode ser panópticamente controlado, seja pelas tecnologias da comunicação e da informação, seja pela interiorização de normas e valores contidos nos discursos do poder. Ao contrário dos entusiastas dos novos meios de comunicação, parece que estas ferramentas nada mais são do que extensões da *indústria cultural*. O panóptico é eletrônico. Sendo assim, é de primordial importância a consciência de que somos produtores e produtos desta sociedade que criamos. Não somos simples marionetes deste jogo de poderes, mas co-autores por meio do silêncio que consente, na conformidade com que encaramos este estado das coisas. Não é negando as novas tecnologias ou isolando-se delas que se pode lutar contra essas novas forças dominadoras: pois onde há força de opressão há resistência. É preciso então um esforço para localizar e para utilizar os saberes das lutas de resistência nas táticas contra a dominação.

**Palavras-Chaves:** Panóptico, Foucault, poder, controle.

Foucault trata com muita propriedade a temática da sociedade disciplinar, em *Vigiar e Punir*, implantada a partir dos séculos XVII e XVIII, consistindo num sistema de controle social através da conjugação de várias técnicas de controle, classificação, vigilância e seleção que se ramificam pelas sociedades a partir de uma cadeia hierárquica vindo do poder central e se multiplicando numa rede de poderes interligados. Onde o poder é visto como

---

\* Aluna do Curso de Pós-graduação em *Comunicação e Semiótica: teoria e crítica da sociedade da informação* (PUCPR), Graduada em *Análise de Sistemas* (PUCPR) e Graduanda do Curso de *Pedagogia* (PUCPR). E-mail: gabiepossolli@yahoo.com.br

uma relação de forças que trafega circularmente em uma teia de poderes e perpassa todos os indivíduos, que ao mesmo tempo são dotados de poder e sofrem sua ação.

O poder não existe isoladamente, mas depende de práticas ou relações de poder que se disseminam por todo corpo social. "Não é algo que se possa dividir entre aqueles que possuem e o detém exclusivamente e aqueles que não possuem e lhe são submetidos. O poder deve ser analisado como algo que circula, ou melhor, como algo que só funciona em cadeia. Nunca está localizado aqui ou ali, nunca está nas mãos de alguns, nunca é apropriado como riqueza ou bem". (FOUCAULT, 1992, p.183).

Em uma sociedade disciplinar e de controle o ser humano é selecionado e catalogado individualmente, não no sentido de ressaltar as capacidades que o tornam um indivíduo único, mas para melhor controlá-lo. O sentido é conhecer o corpo social, transformar esta massa amorfa em pequenas partições, para melhor exercer o poder por meio do controle. Este controle é exercido por meio da visibilidade, isto é, vigiando os indivíduos é possível mantê-los dominados pela ameaça da punição.

O poder nesse sentido é exercido de forma celular. Pois como diz Foucault, "toda forma de saber produz poder". Dividir, classificar, conhecer cada célula social para governar. Assim, essa dinâmica de saber-poder produz verdades, que estão profundamente ligadas a sistemas de poder, que a produzem e apóiam, e a efeitos de poder que ela induz e que a produzem.

A transmutação das atividades do saber em conteúdos ideológicos se dá em função de um conjunto de processos e situações decorrentes da interação entre determinantes sócio-culturais e a própria atividade da consciência. (...) O desvendamento desse discurso de poder, a sua denúncia como enviesamento ideológico é, por sua vez, o poder da verdade, fruto do amadurecimento do saber. (SEVERINO In MARTELLI; ON; MUCHAIL, 1998, p.51).

Foucault aponta que a motivação de toda esta rede de controle se justifica pela necessidade que a burguesia teve de efetivar um controle mais determinado sobre as massas, que poderiam representar um perigo explosivo, se fossem levados a sério os ideais da Revolução Francesa e do Iluminismo.

Seria como se fossem abertas as comportas de uma imensa represa, cujas águas foram mantidas estancadas através dos mais variados mecanismos de poder, cuja argamassa da ignorância popular foi um dos elementos mais eficazes da sustentação desta barragem. Se deixassem essa imensa quantidade de água descer rio abaixo, livre do Iluminismo, ela certamente inundaria e destruiria o poder da burguesia. Era preciso consertar a velha barragem e parar essa força das massas ou então construir outra barragem e reservar o trinômio *liberdade, igualdade e fraternidade* para o clube burguês. (PINTO, 2003, p.23).

Assim foi feito com a implantação da “tecnologia das disciplinas”. Este poder das sociedades disciplinares, se baseou, segundo Foucault, no modelo do panóptico de Jeremy Bentham (1748-1832), filósofo utilitarista inglês que idealizou um sistema arquitetônico para as prisões, cujas principais características são: disposição circular das celas individuais, celas divididas por paredes e com a parte frontal exposta à observação, uma grande torre é disposta no alto e no centro de forma que o diretor pode administrar a prisão de maneira a “ver sem ser visto”.

O efeito mais importante do panóptico é provocar nos indivíduos um estado consciente e constante de visibilidade que garante a manutenção automática do sistema de poder. Por esse motivo ao elaborar o modelo do panóptico Bentham deu a orientação de que o poder deveria ser *visível* e *inverificável*.

Das regiões superiores do poder, onde o poder é visível na figura do soberano, passa-se para as suas regiões inferiores, onde o poder é anônimo e funcional. O panóptico cria nos indivíduos observáveis uma situação tal que eles mesmos se autovigiam. O sistema de Bentham acrescenta ao poder um dispositivo que o automatiza e desindividualiza. “Uma sujeição real nasce mecanicamente de uma relação fictícia. De modo que não é necessário recorrer à força para obrigar o condenado ao bom comportamento, o louco à calma, o operário ao trabalho, o escolar à aplicação, o doente à observância das receitas”. (FOUCAULT apud VALVERDE, 1997, p.14).

A eficácia do poder é transferida da esfera do poder soberano para seu espaço de incidência, isto é, o ambiente de visibilidade a que está exposto o indivíduo. As mudanças econômicas ocorridas a partir do século XVIII

“tornaram necessário fazer circular os efeitos do poder, por canais cada vez mais sutis, chegando até os próprios indivíduos, seus corpos, seus gestos, cada um de seus desempenhos cotidianos. Que o poder, mesmo tendo uma multiplicidade de homens a gerir, seja tão eficaz quanto se ele se exercesse sobre um só”. (FOUCAULT, 1979, p.118).

O sistema social organizado pelos princípios do panoptismo pode ser considerado um laboratório de poder. Foucault destaca que: “Graças a seus mecanismos de observação, ganha em eficácia e em capacidade de penetração no comportamento dos homens; um aumento de saber vem se implantar em todas as frentes do poder, descobrindo objetos que devem ser conhecidos em todas as superfícies onde este se exerça”. (2002, p.169).

Muchail descreve bem a relação entre constituição e aceitação de verdades, o poder e a disciplina nas organizações da sociedade disciplinar de que fala Foucault:

O estabelecimento da verdade pela matriz do *exame* não se faz pela reconstituição de fatos nem na ordem dos testemunhos, mas pela objetivação do indivíduo e na ordem do que é certo ou errado, permitido ou interdito, “normal” ou não. No mesmo quadro, simultâneos aos poderes disciplinares, instalam-se seus correlatos nas instituições sociais (...) cuja finalidade é o ajustamento do indivíduo, a sua correção, o seu adestramento. (1998, p.63).

*A correta disciplina é a arte do bom adestramento.* Como diz Foucault, o poder disciplinar é um poder que em vez de se apropriar e de remover tem como função maior “adestrar”, para retirar e possuir mais e melhor. Tudo o que foge do padrão estipulado é penalizado, porém diferente do processo penal, a disciplina visa a correção, as punições atuam enquanto exercícios. Toda a conduta é encaixada num grupo classificatório: boa ou má, correta ou errada.

A divisão segundo as classificações ou os graus tem um duplo papel: marcar os desvios, hierarquizar as qualidades, as competências e as aptidões; mas também castigar e recompensar (...) a disciplina recompensa unicamente pelo jogo das promoções que permitem hierarquias e lugares; pune rebaixando e degradando. O próprio sistema de classificação vale como recompensa ou punição”. (FOUCAULT, 2002, p.151).

Este processo de controle disciplinar onde é possível ver sem ser visto, manipular e adestrar não visa, como pode-se pensar, a reclusão e exclusão do

indivíduo mediante uma punição deliberada, ao contrário, objetiva a inclusão do indivíduo que seja cada vez mais eficiente para o funcionamento do sistema social. Assim a disciplina e a punição devem ser vistas como necessárias ao condicionamento que irá potencializar as qualidades consideradas válidas e importantes. “O panopticon é a utopia de uma sociedade que atualmente conhecemos – utopia que realmente se realizou” (FOUCAULT apud MUCHAIL, 1985, p.199).

O panoptismo é o princípio geral de uma nova “anatomia política”. O seu objeto e finalidade não são a relação de soberania, mas as relações de disciplina. Desta forma, Foucault observa a formação de uma sociedade disciplinar que atingiu o seu apogeu no início do séc. XX. Essa, a sociedade disciplinar, que se fundamentava na organização dos grandes meios de confinamento, após uma crise começou a ser substituída por um novo modelo. Constituíam-se novas formas de sociabilidade e subjetividade num momento que se marca pela passagem de uma sociedade disciplinar para uma sociedade de controle. (LOPES e SANTOS, 2001, p.13).

Em *Microfísica do Poder*, na parte que versa sobre *Poder-Corpo*, Foucault define os mecanismos de sujeição do corpo como uma tecnologia. Existe um saber sobre o corpo e um controle sobre as suas forças. Na sociedade de controle, surgem novos mecanismos de vigilância, com autoridade suficiente para tornar o indivíduo incapaz de manifestar reação.

A disciplina diminui a resistência que o corpo pode oferecer ao poder e aumenta a força em termos econômicos. O corpo só será fonte de utilização econômica e se tornará força útil se for simultaneamente produtivo e submisso. Essa sujeição pode ser calculada e organizada sutilmente. Os métodos que permitem o controle minucioso das operações do corpo, que realizam a sujeição constante das suas forças e lhe impõem uma relação de docilidade-utilidade são *as disciplinas*.

A disciplina produz indivíduos, corpos aptos ao seu serviço. Ela pode ser vista como a tecnologia de um poder que adota os indivíduos ao mesmo tempo como artifícios e como instrumentos de seu exercício.

Na disciplina, os elementos são intercambiáveis, pois cada um se define pelo lugar que ocupa na série, e pela distância que o separa dos outros. A unidade não é portanto nem o território (unidade de dominação), nem o local (unidade de residência), mas a posição na fila: o lugar que alguém ocupa numa classificação.

(...) A disciplina, arte de dispor em fila, individualiza os corpos por uma localização que não os implanta, mas os distribui e os faz circular numa rede de relações (FOUCAULT, 2002, p.125).

No panóptico, o controle faz-se por meio da visibilidade total e permanente dos indivíduos. Assim, este dispositivo tornou-se “o paradigma dos sistemas sociais de controle e vigilância total” (PINTO, 2003).

Sobre a garantia do pleno funcionamento do sistema panóptico, Foucault diz que esse poder deve: “adquirir o instrumento para um vigilância permanente, exaustiva, capaz de tornar tudo visível, mas com a condição de se tornar ela mesma invisível. Deve ser como um olhar sem rosto que transforme todo o corpo social em um campo de percepção”. (2002, p.176).

Nas sociedades atuais, o princípio do panóptico continua plenamente ativo, mas agora se exerce nas novas formas de controle implementadas pelas novas tecnologias. A presença destas, traz consigo novas práticas e relações de poder. “No panopticon, cada um, de acordo com seu lugar, é vigiado por todos ou por alguns outros; trata-se de um aparelho de desconfiança total e circulante, pois não existe ponto absoluto. A perfeição da vigilância é uma soma de malevolências”. (FOUCAULT, 1979, p.122).

Tradicionalmente, o poder é o que se vê, se mostra, se manifesta e, de maneira paradoxal, encontra o princípio de sua força no movimento com o qual exhibe. (...) O poder disciplinar ao contrário, se exerce tornando-se invisível: em compensação impõe aos que submete um princípio de visibilidade obrigatória. (...) É o fato de ser visto sem cessar, de sempre poder ser visto, mantém sujeito o indivíduo disciplinar. E o exame é a técnica pela qual o poder, em vez de emitir os sinais de ser o poderio, em vez de impor a sua marca aos seus súditos, capta-os num mecanismo de objetivação. (FOUCAULT, 2002, p.156).

O poder disciplinar, exercido por meio de coerções disciplinares, garante e mantém a ordem social que se tem hoje. A disciplina enquanto poder invisível assume uma espécie de autoregulação onde os indivíduos são submetidos a uma moral disciplinar que lhes impõe padrões de comportamento e postura e até mesmo modelos de pensamento. “Um direito da soberania e uma mecânica da disciplina: é entre esses dois limites, creio eu, que se pratica o exercício do poder” (FOUCAULT, 1999, p.45). O discurso disciplinar traz uma força que envolve a todos em uma trama de relações de autoridade e

submissão, uma norma natural, não uma lei estabelecido pelo Estado de direito, mas uma normatização que afirma a coesão do corpo social.

É preciso entender ainda as quatro operações do saber disciplinar e seus efeitos: “seleção, normatização, hierarquização e centralização. São estas as quatro operações que podemos ver em andamento num estudo um pouco detalhado daquilo que é denominado o poder disciplinar”. (FOUCAULT, 1999, p.217). Em *Vigiar e Punir* Foucault diz que: “o sucesso do poder disciplinar se deve sem dúvida ao uso de instrumentos simples: o olhar hierárquico, a sanção normatizadora e a sua combinação num procedimento que lhe é específico, o exame”. (2002, p.143).

A vigilância hierárquica consiste em um dispositivo de poder onde a visibilidade a que o sujeito é exposto gere nele uma obrigação com as regras. Um instrumento que ao mesmo tempo em que permite ver leve a efeitos de poder, ficando claro aqueles que devem sujeitar-se a ele.

A sanção normatizadora funciona como um mecanismo penal, com leis próprias e formas específicas de sanção. “A disciplina traz consigo uma maneira específica de punir, e que é apenas um modelo reduzido do tribunal. O que pertence à penalidade disciplinar é a inobservância, tudo que está inadequado à regra, tudo o que se afasta dela, os desvios. É passível de pena o campo indefinido do não-conforme”. (FOUCAULT, 2002, p.149).

O exame combina as técnicas da hierarquia que vigia e as da sanção que normatiza. É um controle normatizante, uma vigilância que permite qualificar, classificar e punir. Estabelece sobre os indivíduos uma visibilidade através da qual eles são sancionados. É por isso que, em todos os dispositivos de disciplina, o exame é altamente ritualizado. Nele vêm-se reunir a cerimônia do poder e a forma da experiência, a demonstração da força e o estabelecimento da verdade. (...) Nessa técnica delicada estão comprometidos todo um campo de saber, todo um tipo de poder (FOUCAULT, 2002, p.154).

“Na sociedade disciplinar o observador está presente e em tempo real a observar e a vigiar os indivíduos. Na sociedade de controle esta vigilância torna-se rarefeita e virtual” (LOPES e SANTOS, 2001, p.19). Apesar desta diferença significativa o efeito causado nas pessoas parece ser o mesmo: são

ao mesmo tempo visíveis e incapazes de ver. Tanto nas sociedades contemporâneas, quanto nas sociedades disciplinares, os indivíduos sentem-se controlados pela força penetrante de um olhar soberano, “o olho do poder” a que se refere Foucault, tornando-se assim “dóceis” e “úteis”, controlados por “verdades” que visam manter a ordem vigente.

Sabe-se também que não existe uma submissão absoluta ao sistema panóptico, mas que sempre existe oposição, como pode ser visto no trecho:

É preciso analisar o conjunto das resistências ao panopticon em termos de tática e de estratégia, vendo que cada ofensiva serve de ponto de apoio a uma contra-ofensiva. A análise dos mecanismos de poder não tende a mostrar que o poder é ao mesmo tempo anônimo e sempre vencedor. Trata-se ao contrário de demarcar as posições e os modos de ação de cada um, as possibilidades de resistência e de contra-ataque de uns e de outros. (FOUCAULT, 1979, p.126).

O pensamento de Michel Foucault emerge como um dos mais importantes para a compreensão de saberes que orientam a atualização dos mecanismos históricos de sujeição dos indivíduos nas transformações sofridas pela sociedade contemporânea. Os novos saberes da tecnociência soam também como a possibilidade de organizar os espaços privados e públicos oferecendo novas formas de controle.

A área da tecnologia da informação, os softwares computacionais, por exemplo, possui uma linguagem própria, a linguagem de programação. Esta linguagem só os especialistas conseguem acessar, escondendo, em suas palavras, a presença dessas novas formas de controle. A informática é o panóptico transfigurado presente na sociedade atual, não controla todos os espaços nem sujeitam todos os corpos, mas sua penetração é inegável.

O panoptismo a que Foucault se refere é um dos traços característicos da atual sociedade capitalista, através da qual os indivíduos são vigiados, punidos, recompensados e normatizados. O indivíduo na contemporaneidade pode ser panópticamente controlado, seja pelas tecnologias da comunicação e da informação, seja pela interiorização de normas e valores contidos nos discursos do poder.

A tecnologia em si não é controladora ou libertária; os usos culturais e sociais a que ela serve é que podem sê-lo. Quando a Internet opera como um



banco de dados interconectado, ela tem um potencial para criar modos panópticos de relações de reconhecimento tanto quanto o tem para melhorar nosso sentimento de liberdade e mobilidade.

Ao contrário dos entusiastas dos novos meios de comunicação, parece que estas ferramentas nada mais são do que extensões da indústria cultural. O panóptico é eletrônico. Sendo assim, é de primordial importância termos consciência de que somos produtores e produtos desta sociedade que criamos. Não somos simples marionetes deste jogo de poderes, mas co-autores por meio do silêncio que consente, na conformidade com que encaramos este estado das coisas.

A grande intenção da indústria cultural é a de obscurecer a percepção de todas as pessoas, principalmente, daqueles que são formadores de opinião. Os valores passam a ser regidos por ela, e até mesmo a felicidade do indivíduo é influenciada e condicionada por essa cultura. Ela tem como tática proporcionar ao homem necessidades. Não aquelas necessidades básicas para se viver dignamente, mas sim, as necessidades do sistema vigente, um consumismo incontrolado. Com isso, o consumidor viverá sempre insatisfeito e o campo de consumo se torna cada vez maior.

Para Adorno, “as pessoas aceitam com maior ou menor resistência o que a existência dominante apresenta à sua vista e ainda por cima lhes inculca à força, como se aquilo que existe precisasse existir dessa forma” (1995, p.178). Resta-nos aceitar ou resistir à manipulação feita através da indústria cultural para conquistarmos nossa emancipação na busca efetiva de nossa própria cultura, procurando não nos deixar enganar pelos modismos e por uma falsa igualdade em nome da identificação com o coletivo.

“É vã a esperança de que a pessoa contraditória em si mesma e em via de desintegração não conseguirá sobreviver (...) que a substituição mentirosa do individual pelo estereotipado há de se tornar por si mesma insuportável aos homens” (Adorno e Horkheimer, 1985, p.146) Tal afirmação pode parecer radical e extremamente negativa, mas o que se nota é que a própria indústria

cultural trata de criar os mecanismos psicológicos e sociais para a garantia de sua perpetuação.

Esta indústria desumana torna os sujeitos em meros fantoches, em engrenagem treinadas e condicionadas em seu sistema de produção. Onde o homem é, ao mesmo tempo, o motor e o maior prejudicado desta indústria fria e impiedosa. “A indústria cultural derruba a objeção que lhe é feita com a mesma facilidade com que derruba a objeção ao mundo que ela duplica com imparcialidade. Só há duas opções: participar ou omitir-se”. (Adorno e Horkheimer, 1985, p.138).

Não é negando as novas tecnologias ou isolando-se delas que se pode lutar contra essas novas forças dominadoras: pois onde há força de opressão há resistência. É preciso então um esforço para localizar e para utilizar os saberes das lutas de resistência nas táticas contra a dominação.

Pode parecer utópico, mas é preciso lutar pelo que nos faz humanos, o direito primordial de ser livre da manipulação panóptica que se vê hoje. Lutar pelo desenvolvimento da subjetividade como condição essencial para construção da identidade, para que o homem em sua trajetória descubra que a existência extrapola a consciência e que ele é muito mais que uma tecla.

## REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. **Dialética do esclarecimento**. Rio de Janeiro: J. Zahar Editor, 1985.

ADORNO, Theodor W. **Educação e emancipação**. Tradução Wolfgang Leo Maar. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

BENTHAM, Jeremy. **O Panóptico**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

DOSTOIEVSKI, F. M. **Memórias do Subsolo**. In: O Eterno Marido e Várias Novelas (obras completas e ilustradas). Rio de Janeiro, José Olímpio: 1967.

FOUCAULT, Michel. **Em defesa da Sociedade**: curso do Collège de France (1975-1976). São Paulo: Martins Fontes, 1999.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. 17.ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

FOUCAULT, Michel. A Vida dos Homens Infames e A Escrita de Si In: **O Que é Um Autor**. Lisboa: Vega, 1992.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. 26.ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

LOPES, Ana Izabel; SANTOS, Sônia. **Da sociedade disciplinar à sociedade de controle**. CFCUL, 2001.

MARTELLI, Maria Lúcia; ON, Maria Lucia Rodrigues; MUCHAIL, Salma Tannus (orgs.). **O uno e o múltiplo nas relações entre as áreas do saber**. 2.ed. São Paulo: Cortez, 1998.

MUCHAIL, Salma Tannus. **O lugar das instituições na sociedade disciplinar**. In: RIBEIRO, Renato Janine (org.). *Recordar Foucault: os textos do colóquio Foucault*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

PINTO, Paulo Roberto Giardullo. **O Panóptico**: Foucault confirma Orwell. *Revista Espaço Acadêmico*, nº 28, set. 2003.

VALVERDE, João Batista. **Funcionamento do poder e dispositivo disciplinar em Foucault**. Goiânia: Fragmentos de Cultura, 1997.